

# Padre Luís Palacin e a ciência da História em Goiás

*Rogério Chaves da Silva*  
Universidade Federal de Goiás  
Goiânia – Goiás – Brasil  
rcmcbr@gmail.com

---

**Resumo:** O texto a seguir analisa, brevemente, a contribuição do professor e historiador espanhol Luis Palacín Gomez no estabelecimento de um projeto científico para as pesquisas historiográficas realizadas em Goiás.

**Palavras-Chave:** Luis Palacín; Ciência da História; Goiás

---

## Breve história da historiografia em Goiás

Celebrando como marco fundacional da história de Goiás a partida da expedição de Bartolomeu Bueno da Silva, em 1722, ou propriamente a descoberta de ouro no sertão dos *Guayazes* em 1725, a historiografia<sup>1</sup> que se investiu da tarefa de narrar “o passado goiano”<sup>2</sup> produziu diversos relatos sobre os mais variados fenômenos pretéritos ocorridos nas latitudes de Goiás. Enredado pelas penas de cronistas, viajantes, memorialistas, estudiosos, historiadores e outros interessados em elaborar narrativas sobre a experiência histórica, o passado da região foi contado de acordo com os próprios modos de se produzir história em suas respectivas épocas, a partir de determinados cânones escriturários. No século XIX, Luis Antônio de Silva e Souza, Auguste Saint-Hilaire, Johann Pohl, Luiz D’Alincourt, Cunha Matos, Oscar Leal, José

---

<sup>1</sup> Historiografia entendida como produto intelectual discursivo elaborado por aqueles(as) que produzem narrativas sobre a experiência humana do passado. Incluo nesse rol de produção, formas científicas e não científicas de narrar a experiência histórica.

<sup>2</sup> Apresentar o termo “passado goiano” entre aspas revela a cautela que se deve ter ao se referir a fenômenos do passado pertencentes a uma região, cuja abordagem e definição ficam inscritas aos limites geográficos. Ao se estudar fenômenos simbólicos, produto da ação humana no passado, é necessário se ter a dimensão de que os mesmos se apresentam como um caleidoscópio, constituído de diversas faces de ordem individual, social, cultural, os quais extrapolam os limites geográficos. A referência que está sendo feita ao “passado goiano” está intimamente ligada às narrativas que buscaram produzir “história(s) de(sobre) Goiás”, ou que procuraram investigar eventos no passado que se apresentavam como sendo típicos ou que estiveram, de alguma forma, relacionados a essa região que, espacialmente, ficou delimitada como sendo Goiás.

M. P. de Alencastre<sup>3</sup>, dentre outros, cada qual com sua forma de registrar os fenômenos históricos “dignos” de serem conhecidos pelas gerações posteriores, recorreram à memória daqueles que vivenciaram os fatos históricos de outrora, mas também deixaram registradas suas impressões sobre as experiências vivenciadas em terras goianas.

No novecentos, até aproximadamente a década de 1960, essa tarefa de construção da(s) história(s) de Goiás foi levada a cabo, predominantemente, por memorialistas, genealogistas e historiadores diletantes, ou seja, médicos, políticos, jornalistas, advogados, dentre outros estudiosos que se interessavam em produzir narrativas relacionadas a fenômenos históricos acontecidos em “território goiano”. Americano do Brasil, Zoroastro Artiaga, Henrique Silva, Ofélia Sócrates Monteiro, Sebastião Fleury Curado, Jaime Câmara<sup>4</sup>, são alguns nomes desse escol de cultores da história goiana. Em muitos aspectos plasmados pelos moldes do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) de se fazer história, muitos deles produziram história(s) de Goiás que miravam para os traços de uma identidade goiana, procurando explicar como Goiás, através do tempo, se constituiu em uma região que, outrora úbere em ouro, acabou se notabilizando por sua vocação agropecuária. Na maioria desses textos, as narrativas eram tecidas por um emaranhado de acontecimentos pretéritos que davam vulto aos aspectos políticos e administrativos do passado. Valorizando o factual e a sequência cronológica dos eventos, buscava-se, no trato com as fontes, construir quadros amplos, sínteses, súmulas acerca dos fenômenos históricos ocorridos em Goiás. Além disso, pelo fato de muitos deles pertencerem aos quadros da Academia Goiana de Letras (AGL) e (ou) do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG), seus textos resumavam a tentativa de se buscar, no passado, caracteres de uma identidade goiana, de uma “goianidade”.

Não obstante, por volta dos anos 1960, com o estabelecimento das Universidades Católica (UCG) e Federal de Goiás (UFG), e a consequente oferta do curso superior de História em ambas as instituições, a produção de conhecimento

---

<sup>3</sup> Alguns exemplares dessa produção: *O descobrimento da Capitania de Goyaz*, de Luis Antônio de Silva e Souza; *Viagens às nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goiás* de Auguste Saint-Hilaire; *Viagem no interior do Brasil* de Johann Emanuel Pohl; *Chorographia Histórica de Goyaz* de Raymundo José da Cunha Mattos; *Viagens às terras goianas* de Oscar Leal; *Viagens no Brasil, principalmente nas províncias do norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1844* de George Gardner; *Anais da Província de Goiás* de José Martins P. de Alencastre.

<sup>4</sup> Algumas obras desses memorialistas e historiadores “diletantes”: *Súmula de História de Goiás* de Antônio Americano do Brasil; *Como nasceu Goiânia* de Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro; *Os Tempos da Mudança* de Jaime Câmara; *Memórias Históricas* de Sebastião Fleury Curado; *História de Goiás: relato de acontecimentos históricos goianos de 1592 a 1946* de Zoroastro Artiaga.

histórico começou a adquirir outras feições. A contratação de professores formados nos quadros da disciplina e a resultante elaboração de pesquisas, em âmbito acadêmico, modelaram uma nova fisionomia nos trabalhos de história aflorados no estado. Entretanto, foi no início da década de 1970 que uma nova fase da produção historiográfica goiana foi inaugurada. Essa reformulação nos modos de se produzir História em Goiás, a meu ver, foi resultado da conjugação de alguns elementos capitais: a defesa da tese de livre-docência “Goiás 1722-1822: Estrutura e Conjuntura numa Capitania de Minas”, de autoria do professor Pe. Luis Palacín Gomez; a criação do Programa de Mestrado em História da Universidade Federal de Goiás e o doutoramento de docentes/pesquisadoras que atuavam na cena historiográfica goiana, Dalísia Elizabeth Martins Dolles, Maria Augusta Sant’anna de Moraes e Marivone Matos Chaim<sup>5</sup>.

Dentre esse elenco de fatores, é preciso salientar, de forma breve, que a implantação do Programa de Mestrado em História da UFG, a partir de um convênio firmado com a Universidade de São Paulo (USP), foi fundamental para estimular a elaboração de pesquisas históricas com maior rigor teórico-metodológico. Da mesma forma, o intercâmbio com importantes centros de produção histórica no Brasil, como é o caso da USP<sup>6</sup>, também foi nutrido ainda mais com o doutoramento das três docentes mencionadas que, além de formularem teses relacionadas a fenômenos históricos ocorridos em Goiás, promoveram importantes discussões acadêmicas sobre as diversas perspectivas historiográficas em voga naquele período. Mas, indubitavelmente, a partir da tese de livre-docência escrita pelo Padre Luis Palacín Gomez descortinou-se um novo horizonte na produção de conhecimento histórico em Goiás. Esse novo cenário da historiografia fabricada no estado foi marcado pela feitura de investigações com caracteres distintos aos da produção anterior: o exame crítico das fontes históricas utilizadas, o cuidado metodológico, o recurso a aportes teóricos debatidos no universo acadêmico, a produção/apropriação de conceitos históricos, a formulação de hipóteses que passariam pelo crivo crítico de integrantes da comunidade acadêmica, enfim,

---

<sup>5</sup> As professoras Dalísia Doles, Maria A. Moraes e Marivone Chaim defenderam, em 1972, na Universidade de São Paulo, suas teses de doutorado, intituladas, respectivamente: “Comunicações Fluviais pelo Tocantins e Araguaia no século XIX”, “Contribuição para o estudo político e oligárquico de Goiás” e “Aldeamentos indígenas e sua importância no povoamento da capitania de Goiás no século XVIII (1749-1811)”.

<sup>6</sup> O doutoramento na USP foi um caminho de qualificação seguido pela maioria dos professores que atuaram no Departamento de História da UFG e da UCG. A título de exemplo, podemos citar: Lena Castello Branco, Janaína Amado, Ana Lúcia da Silva, Barsanufo G. Borges, Nasr F. Chaul, Heliane Prudente, Hollen Bezerra, Ledonias Garcia, dentre outros.

elementos que refletiam a preocupação com a validação científica dos resultados investigativos.

Quando Luis Palacín, no início dos anos 1960, aportou no estado, a escrita da(s) história(s) de Goiás era produto do esforço intelectual de alguns historiadores diletantes e memorialistas. Os cursos de História, tanto da UCG quanto da UFG, nasceram umbilicalmente ligados aos de Geografia, portanto, ressentiam de um estatuto epistemológico próprio no estado. Ademais, no final desse decênio em pauta, a maior parte dos professores que atuavam nesses cursos ou eram de outra formação ou foram graduados nesse formato em que Geografia e História perfilavam sob o mesmo espaço acadêmico. Neste período, então, Luis Palacín era o único doutor em História que exercia o magistério em ambas as instituições.

É preciso ressaltar, a esta altura do texto, que minha pretensão não é engendrar um aviltamento da produção histórica elaborada sem as reflexões, discussões e os procedimentos típicos da ciência especializada que denominamos de História. Intento salientar, tão somente, que a produção historiográfica, em sua modalidade científica, guarda singularidades que devem vir à baila quando comparadas a outras formas de elaboração narrativa da experiência histórica. Na concepção de Rüsen (2001), as operações narrativas do pensamento histórico, em geral, revestem-se da necessidade de garantir a verdade de cada história narrada, isto é, a verdade daquilo que se diz sobre o passado a que se referem. Entretanto, a narrativa histórica, em sua versão científica, apresenta como singularidade, não o fato de pretender à verdade, mas sim o modo como reivindica a verdade. Para assegurar esse potencial orientador, o pensamento histórico, na História como ciência, deve garantir suas pretensões de validade a partir de seus graus de pertinência empírica, normativa e narrativa:

Histórias empiricamente pertinentes garantem a relação do pensamento histórico com a experiência do passado. Histórias normativamente pertinentes garantem a relação do pensamento histórico com as normas vigentes na vida prática de seus destinatários. Histórias narrativamente pertinentes garantem a relação do pensamento histórico com a constituição de sentido de seus destinatários, à medida que, conectando fatos a normas, possibilitam orientação no fluxo do tempo. Na ciência da história, os âmbitos empírico, normativo e narrativo fazem a relação do pensamento histórico com a experiência do passado aparecer sob o signo da pesquisa histórica, o que caracteriza sua regulação metódica (RÜSEN, 2001, p. 91-92).

Dentro dessa perspectiva, outro diferenciador do pensamento histórico, na ciência da História, é que, em sua constituição metódica, pretende-se garantir a validade da mesma enquanto ciência. A ciência da história comporta uma pretensão

comunicativa através da fundamentação de um conjunto de regras metódicas aglutinadas na idéia de pesquisa histórica. Cientificidade na história, para Rüsen, não diz respeito a uma adequação do pensamento histórico a uma concepção *a priori* e geral do que seja a ciência, mas ao ajustamento a um padrão intersubjetivo das formas de dirigir a pesquisa histórica e de empreender a fundamentação da narrativa sobre seus resultados. Ciência entendida no sentido mais amplo do termo, “como a suma das operações intelectuais reguladas metodicamente, mediante as quais se pode obter conhecimento com pretensões seguras de validade” (RÜSEN, 2001, p. 85).

Rüsen realça ainda que, enquanto uma prática disciplinar executada no âmbito do conhecimento acadêmico, o pensamento histórico, em sua versão científica, converteu-se na forma mais apurada, complexa e especializada de interpretação histórica do passado. Essa potencialidade da ciência da história acabou por desfazer a crença segura na validade das narrativas históricas. Segundo Rüsen, “o modo científico do pensamento histórico possibilitou a passagem de uma *certeza insegura para uma certa insegurança*” (RÜSEN, 2001, p. 104). Certeza insegura se refere às narrativas que, de forma autoritária, garantem não ter dúvida quanto à sua pertinência empírica. Certa insegurança diz respeito ao estado do conhecimento histórico de ter plena consciência da relatividade de seu conteúdo empírico, isto é, da existência da dúvida quanto a sua validade. Isso porque suas esferas normativa e empírica podem conduzir a novos interesses sobre o passado, a novas pesquisas sobre a experiência do tempo, resultando, muitas vezes, na superação daquele conhecimento produzido.

Por conseguinte, ressalto que na década de 1970, a atuação de Luis Palacín como pesquisador e professor, agregada à criação do Programa de Mestrado em História da UFG e ao gradativo doutoramento dos docentes que atuavam nos cursos de História da UFG e UCG, foram fatores que, consubstanciados, estimularam a ocorrência, em Goiás, de uma nova forma de elaboração narrativa do passado humano: a produção de histórias com pretensões científicas. Todavia, é também importante assinalar que a erupção dessa historiografia científica não inviabilizou a confecção de textos históricos por estudiosos sem formação acadêmica. As formas não científicas de narrar a experiência histórica nunca deixaram de ser elaboradas, pois o passado humano, como se sabe, não é monopólio de historiadores e outros cientistas dos fenômenos simbólicos, embora muitos deles discordem disso.

## Um espanhol em terras sertanejas: Luis Palacín e a ciência da História em Goiás

Nascido em Valladolid na Espanha, aos 21 de junho de 1927, Luis Palacín Gomez resolveu abraçar a vida religiosa, ingressando na Companhia de Jesus, em 1944, no Noviciado de San Estanislau, em Salamanca. Kursou Filosofia pela Universidade Pontifícia de Comillas e licenciou-se em História e Teologia nas Universidades de Salamanca e de Santiago de Compostela. Ordenado sacerdote em 1957 em Comillas, Padre Palacín foi transferido ao Brasil em 1958, para o exercício evangelizador. Chegou à Goiânia no início da década 60, tanto para se dedicar à vida missionária, quanto à licenciatura na Universidade Católica de Goiás (UCG). Ingressou na UFG na segunda metade do decênio, quando também concluiu seu doutoramento em História na Universidade Complutense de Madri<sup>7</sup>.

Conhecedor das discussões teóricas e dos procedimentos metodológicos que, naquela época, estavam na ordem do dia, Padre Palacín empreendeu novas visitas ao “passado goiano”, numa tentativa de edificar trabalhos com rigores científicos. A incansável busca pela fonte intocada, inédita, o apreço pelo documento, encarado como a matéria-prima da História, com certeza, eram as marcas registradas desse historiador. O infatigável desejo por “farejar carne humana”<sup>8</sup> nos registros mais longínquos, nos arquivos adormecidos, nos monumentos silenciados pelo tempo, era traço inconfundível de Luis Palacín. A rigorosa metodização encontrada principalmente em seus primeiros escritos, não significava que não tenha elaborado hipóteses ou construído interpretações sobre os objetos os quais investigou. Palacín pesquisou, formulou problemas, interpretou, à sua maneira, segundo seus cânones metódicos, conforme seus referenciais teóricos.

Quando, em minha dissertação de mestrado, analisei a produção historiográfica de Luis Palacín<sup>9</sup>, por falta de tempo para a conclusão da pesquisa, não recorri ao relato oral de seus contemporâneos para reconstituir momentos decisivos de sua trajetória profissional, embora fizesse parte de minhas pretensões metodológicas. Entretanto, assim como fizeram os primeiros mineiros que adentraram ao sertão dos

---

<sup>7</sup> Palacín faleceu em 28 de abril de 1998.

<sup>8</sup> Tomo de empréstimo essa expressão de Marc Bloch (1997).

<sup>9</sup> Dissertação intitulada “O Jesuíta e o Historiador: a produção historiográfica de Luis Palacín sob o prisma da matriz disciplinar de Jörn Rüsen”, defendida em 2006 no Programa de Pós-Graduação em História da UFG. Neste trabalho, analiso como a estada de Palacín em Goiás, por quase quarenta anos, e suas raízes jesuíticas são fundamentais para a compreensão de seus esforços enquanto historiador. Neste sentido, a reflexão sobre o

*Guayazes*, garimpando aqui e acolá, é possível extrair depoimentos já publicados por coetâneos ao padre espanhol ou entrevistas contidas em trabalhos defendidos por colegas historiadores(as). As historiadoras Kamilly Silva (2002) e Simone Borges (2006), por exemplo, ao entrevistarem os “pioneiros” dos cursos de História da UFG e UCG, intentavam reconstruir a história desses cursos e não a de Luis Palacín, no entanto, os relatos dos entrevistados convergiram para um aspecto peremptório na produção histórica em Goiás: a importância de Luis Palacín para a consolidação da História com pretensões científicas no estado. Em depoimento a Silva (2002), Lena Castello Branco de Freitas buscou redimensionar o legado deixado por este historiador:

[...] E a grande mudança na história de Goiás, é até interessante eu falar isso pra você, aconteceu em 1972, com o Padre Luis Palacín, quando ele defendeu a tese de livre-docência sobre “Estrutura e Conjuntura de uma Capitania de Minas – Goiás (1722-1822)”, que depois foi publicada com nome de “O Século do Ouro em Goiás”. Este foi o grande divisor de águas da produção historiográfica em Goiás. Palacín vinha da Espanha com doutorado em um grande centro de estudos históricos em Valladolid, homem muito inteligente, de uma argúcia muito grande, uma formação filosófica muito sólida e muito atualizado com a nova história dos *Annales*. Ele introduziu as bases de uma nova história de Goiás, que nunca foi completa, porque ele parou em 1822 [...] (FREITAS, *apud* SILVA, 2002, p. 36).

A historiadora Ledonias Franco Garcia, também em depoimento a Silva (2002), ressaltou o ímpeto investigativo de Luis Palacín, um autêntico desbravador de arquivos:

Ele foi primeiro a vasculhar o que Goiás tinha nos arquivos. Ele foi a Goiás, Pirenópolis, Corumbá, foi subindo por Arraias, Natividade, foi até a ponta, até o Bico do Papagaio (...) Entrou no Maranhão, Carolina, Imperatriz, mas principalmente em Grajaú é que ele descobriu dados sobre Goiás. Vasculhou tudo isso aqui e depois foi pros arquivos do Rio, São Paulo, depois foi para Lisboa. Então ele faz esse trajeto, que é o caminho das pedras do pesquisador, vasculhando, catando, construindo esse mapa do documento, catalogando tudo, fazendo o trabalho do historiador, que é a leitura, a análise, a comparação. Esse primeiro trabalho, que é “O século do ouro em Goiás”, nasceu desta pesquisa, mas foi também a livre-docência dele, ele se candidatou em São Paulo, na USP, a comissão veio aqui avaliar o trabalho dele. [...] Eu diria que a história de Goiás está dividida em dois tempos: antes e depois de Palacín. (GARCIA, *apud* SILVA, 2002, p. 99).

Vale registro que, dessas andanças iniciais de Luis Palacín pelos arquivos goianos, nasceu sua tese de livre-docência, “Goiás (1722-1822): Estrutura e Conjuntura

numa Capitania de Minas”, depois reeditada sob o título “O Século do Ouro em Goiás”. Com certeza, a obra historiográfica que maior repercussão encontrou não só entre a comunidade dos historiadores no estado, como também entre os leitores e estudiosos interessados por história de Goiás. No tocante ao rito de defesa dessa tese, Lena Castello Branco de Freitas, numa simbiose de emoção e nostalgia, enalteceu a dimensão daquele evento:

A defesa da tese dele foi histórica. Os examinadores foram o Sérgio Buarque de Hollanda, o Manuel Dias Nunes, ambos da USP, e o Pe. José Pereira de Maria. Pra você ter uma idéia, a tese foi defendida naquele auditório da Faculdade de Educação e estava lotada; o interesse era tão grande que as pessoas iam como quem vai assistir Fernanda Montenegro. Houve uma polêmica muito grande em torno da fundamentação teórica da tese, que eram as teorias estruturalistas, muito em voga na época. Foi um debate muito bonito e ele foi aprovado com distinção (FREITAS, *apud* SILVA, 2002, p. 41)

A historiadora Maria Augusta Sant’Ana de Moraes, com quem Palacín dividiu alguns trabalhos, também foi categórica em afirmar: “Eu considero Palacín o pai da historiografia científica em Goiás. A contribuição dele é muito grande” (MORAES, *apud* SILVA, 2002, p.79). A professora Gilka Vasconcelos Salles, do mesmo modo, acentuou que: “[...] a história regional começa realmente a ser implantada e ser um ponto de interesse maior quando o Padre Palacín veio para a UFG. [...] Palacín foi um marco para a historiografia moderna, principalmente dentro da linha regional” (SALLES, *apud* SILVA, 2002, p. 51).

O geógrafo Antônio T. Neto, que vivenciou o período em que os cursos de História e Geografia congregavam o mesmo espaço acadêmico, fez o seguinte relato a Borges (2006): “Antes de começar o Mestrado, o que circulava como produção intelectual eram artigos normalmente escritos ou pelo Pe. Palacín, que é o grande reformador do pensamento histórico em Goiás, é o pai da historiografia moderna goiana, ou pela professora Lena ou Gilka” (TEIXEIRA NETO, *apud* BORGES, 2006, p. 213).

Luis Palacín ainda foi decisivo quanto à definição da área de concentração do Programa de Mestrado em História da Universidade Federal de Goiás, “História das Sociedades Agrárias” (*lato sensu*), área esta que vigorou de 1980 a 2003 e que acabou sendo determinante nas temáticas desenvolvidas pelas pesquisas oriundas do Programa:

De 1972 a 1980, o curso definia-se como de História do Brasil, *lato sensu* [...] Uma questão passou a preocupar os órgãos superiores do Mestrado, bem como a CAPES e o CNPQ: o curso mostrava-se incharacterístico, permitindo

todos os temas possíveis, sem que se indicassem, de forma precisa, suas linhas norteadoras. Em 1980, em reunião do Conselho de Professores do Mestrado, aventou-se a mudança da área de concentração. Por proposta do professor Luis Palacín, a área de concentração foi definida como sendo a História das Sociedades Agrária, *lato sensu*, por corresponder às raízes econômicas regionais, bem como às do Brasil como um todo. Essa escolha, ainda que ampla e potencialmente rica, tornou preciso e específico o campo de trabalho do Mestrado. Explicitaram-se suas linhas de pesquisa, a saber: Movimentos Sociais no Campo, História das Relações de Trabalho e Teoria e Metodologia da História (SALLES e FREITAS, 1996, p. 10).

O reconhecimento do papel de Luis Palacín na consolidação de um projeto científico para a produção historiográfica em Goiás foi compartilhado por outros pesquisadores que integraram outra “geração” de professores, mas que conviveram com o iniciano espanhol, seja no ambiente acadêmico da UFG ou da UCG:

[...] sua obra dividiu a historiografia de Goiás em dois períodos – antes e depois de suas pesquisas. Ainda nos anos sessenta, ao iniciar o magistério, na área de História, nas Universidades Católica e Federal, Pe. Palacín deparou-se com o pequeno volume de trabalhos sobre História de Goiás, momento em que também buscava material para a construção de sua tese de Livre-Docência – estudo que resultou no livro, *Goiás: 1722/1822-Estrutura e Conjuntura numa Capitania de Minas*. Desde então, passou a se dedicar além do ensino, também à pesquisa e à escrita da História goiana, numa verdadeira empreitada que levou a cabo até os seus últimos dias.” (NUNES e GARCIA, 1999, p. 9)

[...] a primeira contribuição expressiva da Universidade à História da região foi a obra “1722-1822: Estrutura e Conjuntura numa Capitania de Minas”. Elaborada com grande zelo pela pesquisa documental, Palacín procura reconstruir a vida econômica, social e política de Goiás. Através de dados documentais obtidos, discute a função sócio-econômica da capitania, penetrando em questões fundamentais: a dinâmica da população, início da crise do ouro, a vida social em Goiás e o quadro de decadência instalado localmente graças à exaustão das minas, a partir da segunda metade do século XVIII (SANDES e RIBEIRO, 1991, p. 25).

O professor Nasr Fayad Chaul, em um texto no qual homenageou os professores do antigo Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas e Letras da UFG, reconstituiu momentos importantes de seu ingresso como discente e, posteriormente, como docente no Departamento. Com a mesma intensidade com que “reviveu” literariamente as experiências vividas, dedicou linhas expressivas para relembrar a contribuição de Luis Palacín, tanto para sua formação intelectual, quanto para a sedimentação de uma historiografia regional científica em Goiás:

De todos, o maior, Luis Palacín Gomez, mestre, intelectual brilhante, padre jesuíta, historiador, compreendeu desde o início que, para entender Goiás, o princípio era o princípio, ou seja, a sociedade mineradora. Sua pesquisa com base científica, análise crítica apurada, métodos específicos ao tratar o objeto de estudo e conhecimento teórico, inaugurou o caminho que a USP e a UFG abriram ao instalar o Mestrado em História nos anos 70. O trabalho de Palacín não foi, obviamente, o primeiro de cunho histórico, mas foi o

precursor ao tratar a história de Goiás cientificamente. Goiás 1722-1822 trouxe-nos um marco para a historiografia que hoje chamamos de regional e abriu caminho para toda uma geração de professores que passaram a produzir seus trabalhos com preocupações regionais (CHAUL, 2009, p. 04).

Compulsando o inventário das obras elaboradas por Luis Palacín<sup>10</sup>, salta aos olhos a versatilidade desse historiador, que pesquisou e escreveu sobre os mais diversos temas. Transitou facilmente desde o barroco português, passando pelo processo de colonização do Brasil, até uma análise do patrimônio histórico de Goiás. Sua bagagem cultural lhe assegurava o brevê para sobrevôos ambiciosos como esses. Entretanto, um aspecto de sua produção é digno de realce: seus esforços investigativos estiveram voltados, em sua maioria, para fenômenos pretéritos inscritos à história de Goiás. Com certeza, essa mira historiográfica constituiu-se numa obstinação profissional para esse jesuíta espanhol que, ao se transferir para o Brasil, se fixou em Goiás e fez desse estado um novo lar.

Em face do exposto, depreende-se o quão Luis Palacín Gomez contribuiu para a sedimentação de uma produção histórica científica em Goiás. Egresso da Espanha por motivos de ordem religiosa, pisou em solo brasileiro e se fez goiano<sup>11</sup>. No entanto, não só prestou assistência espiritual aos cristãos dessa terra do “Anhanguera”, com formação superior em História, “doutrinou” essa disciplina científica em Goiás. Palacín foi, indubitavelmente, um desbravador, um pioneiro. Não se entregou somente ao apostolado, a vocação de praticar História também lhe era vital. Produziu conhecimento histórico, mas com rigor teórico-metodológico, tarjas de um profissional que conhecia os procedimentos inerentes à ciência que escolheu como meta de vida. Evangelizar e praticar história, duas paixões, dois sentidos. Opções díspares de vida, mas inextricavelmente imbricadas em se tratando de Luis Palacín Gomez.

---

<sup>10</sup> Suas principais obras foram: *Goiás/1722-1822: Estrutura e Conjuntura numa Capitania de Minas*, de 1972 (depois reeditada para *O Século do Ouro em Goiás*); *A Fundação de Goiânia e o desenvolvimento de Goiás*, de 1976, *História de Goiás (1722-1972)* (em colaboração com Maria Augusta Sant'Anna de Moraes), de 1977; *Sociedade Colonial*, de 1981; *Subversão e Corrupção: um estudo da administração pombalina em Goiás*, de 1983; *Patrimônio Histórico de Goiás* (em colaboração com Ana Maria Borges); *Vieira e a Visão Trágica do Barroco: quatro estudos sobre a consciência possível*, de 1986; *Quatro Tempos de Ideologia em Goiás*, de 1986; *O Coronelismo no Extremo Norte de Goiás: Padre João e as Três Revoluções de Boa Vista*, de 1990; *História Política de Catalão* (em colaboração com Nasr Chaul e Juarez Costa Barbosa), de 1994; *História de Goiás em Documentos* (em colaboração com Ledonias Franco Garcia e Janaína Amado) de 1995; *Vieira: entre o reino imperfeito e o reino consumado*, de 1998.

<sup>11</sup> Em 1993, Luis Palacín teve sua “goianidade” reconhecida ao receber do então governador do Estado, Íris Rezende Machado, o título honorífico de cidadão goiano (Lei nº 12.063, de 23/07/1993, DOE de 02/08/93).

---

**PRIEST LUÍS PALACÍN AND THE SCIENCE OF THE HISTORY IN GOIÁS (BRAZIL)**

**Abstract:** This article examines, briefly, the contribution of the teacher and historian Spanish Luis Palacín Gomez in establishing a scientific project for historiographical research conducted in Goiás.

**Keywords:** Luis Palacín; Science of the History; Goiás

---

**REFERÊNCIAS**

ALENCASTRE, José Martins P. de. *Anais da Província de Goiás*. In: Revista do Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico, 3º Trimestre, Rio de Janeiro, 1864.

AMERICANO DO BRASIL, Antônio. *Súmula de História de Goiás*. Goiânia: Departamento Estadual de Cultura, 1961.

ARTIAGA, Zoroastro. *História de Goiás: relato de acontecimentos históricos goianos de 1592 a 1946*. Goiânia: s.e., 1961.

BORGES, Simone A. *Os Cursos de História da Universidade Católica de Goiás e Universidade Federal de Goiás: um olhar histórico*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação. Universidade Federal de Goiás, 2006.

BLOCH, Marc. *Introdução à História*. Lisboa: Mem Martins, Publicações Europa-América, 1997.

CÂMARA, Jaime. *Os Tempos da Mudança*. Goiânia: Cultura Goiana, 1967.

CHAIM, Marivone M. *Aldeamentos indígenas e sua importância no povoamento da capitania de Goiás no século XVIII (1749-1811)*. Tese de Doutorado em História. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Universidade de São Paulo, 1972.

CHAUL, Nasr F. *O Passado Presente no Amanhã*. História Revista. Goiânia. V. 14 n. 2, 2009, p. 1-9.

CUNHA MATTOS, Raymundo José da. *Chorographia Histórica de Goyaz*. Livraria J. Leite. 1824.

CURADO, Sebastião Fleury. *Memórias Históricas*. Goiânia: s.e., 1956.

DOLES, Dalísia E. M. *As comunicações fluviais pelo Tocantins e Araguaia no século XIX*. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Universidade de São Paulo, 1972.

GARDNER, George. *Viagens no Brasil: principalmente nas províncias do norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1844*. Trad. de Albertino Pinheiro. São Paulo: Ed. Nacional, 1942.

LEAL, Oscar. *Viagens às terras goianas*. Lisboa: Minerva Central, 1892.

MONTEIRO, Ofélia S. do N. *Como nasceu Goiânia*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1938.

MORAES, Maria A. S. *Contribuição para o estudo político e oligárquico de Goiás*. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Universidade de São Paulo, 1972.

PALACÍN, Luís. *1722-1822 – Goiás: Estrutura e Conjuntura numa Capitania de Minas*. 1972. Tese de Livre-Docência. Instituto de Ciências Humanas e Letras. Universidade Federal de Goiás, 1972.

\_\_\_\_\_. *A Fundação de Goiânia e o desenvolvimento de Goiás*. Goiânia: Oriente, 1976.

\_\_\_\_\_. *Sociedade Colonial: 1549-1599*. Goiânia: Ed. da UFG, 1981.

\_\_\_\_\_. *Subversão e Corrupção: Um Estudo da Administração Pombalina em Goiás*. Goiânia: Ed. da UFG, 1983a.

\_\_\_\_\_; BORGES, Ana M. *Patrimônio Histórico de Goiás*. Goiânia: Ed. da UFG, 1983b.

\_\_\_\_\_. *Vieira e a Visão Trágica do Barroco: Quatro estudos sobre a consciência possível*. São Paulo: Hucitec, Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1986a.

\_\_\_\_\_. *Quatro Tempos de Ideologia em Goiás*. Goiânia: Cerne, 1986b.

\_\_\_\_\_. *Coronelismo no Extremo Norte de Goiás: O Padre João e as Três Revoluções de Boa Vista*. Goiânia: Ed. da UFG, São Paulo: Loyola, 1990.

\_\_\_\_\_; CHAUL, Nasr F.; BARBOSA, Juarez C. *História Política de Catalão*. Goiânia: Ed. da UFG, 1994.

\_\_\_\_\_; GARCIA, Ledonias; AMADO, Janaína. *História de Goiás em documentos (I – Colônia)*. Goiânia. Ed. da UFG, 1995.

\_\_\_\_\_. *Vieira entre o reino imperfeito e o reino consumado*. São Paulo: Loyola, 1998.

NUNES, Heliane P.; GARCIA, Ledonias Franco. *In Memoriam: Padre Luis Palacín Gomez (1928-1998)*. In: *História em Revista*. Goiânia: Ed. da UFG, v. 4 (1/2), 7-14, jan./dez., 1999.

POHL, Johann Emanuel. *Viagem no interior do Brasil*. Rio de Janeiro: MEC, Instituto Nacional do Livro, 1951.

RÜSEN, Jörn. *Razão Histórica – Teoria da História I: os fundamentos da ciência histórica*. Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília: Ed. UNB, 2001.

SAINT-HILAIRE, Auguste. *Viagens às nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goiás*. São Paulo: Nacional, 1934.

SALLES, Gilka V. F.; FREITAS, Lena C. B. F. *O Mestrado em História das Sociedades Agrárias: uma abordagem histórica (1972-1995)*. *História Revista*. Goiânia, 1(2), jul./dez., 1996, p. 01-18.

SANDES, Noé F; RIBEIRO, José E. *Dezoito anos de “Goiás: 1722-1822”*. *Cadernos de Pesquisa do ICHL (Goiânia)*, n. 3, 1991.

SILVA, Kamilly Barros de Abreu. *A Instituição Vivida: a memória dos pioneiros do curso de história da Universidade Federal de Goiás*. Goiânia. Monografia de Graduação em História. Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia. Universidade Federal de Goiás, 2002.

SILVA, Rogério Chaves da. *O Jesuíta e o Historiador: a produção historiográfica de Luis Palacín sobre o prisma da matriz disciplinar de Jörn Rüsen*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em História. Universidade Federal de Goiás, 2006.

SILVA E SOUZA, Luis Antônio. *O Descobrimento da Capitania de Goyaz* (extraído do Jornal do IHGB, 4º Tr., 1849). Goiânia: publicação da UFG, 1967.

---

#### SOBRE O AUTOR

**Rogério Chaves da Silva** - Doutorando em História pela Universidade Federal de Goiás e bolsista da FAPEG.

---

Recebido em 07/05/2013

Aceito em 02/07/2013